

Os Critérios De Noticiabilidade No Telejornalismo: Uma Reflexão A Partir Da Tragédia De Santa Maria

Michele NEGRINI¹

Roberta BRANDALISE²

Resumo

Estudamos os critérios de noticiabilidade de morte em massa no telejornalismo, a partir da cobertura televisiva da tragédia de Santa Maria. Identificamos que em casos de morte em massa, a cobertura jornalística em televisão elege o que é notícia, bem como, constrói uma abordagem dos acontecimentos, a partir das oportunidades que tem para construir narrativas que atentam para os seguintes aspectos: expor as condições que levaram à morte; culpabilizar os responsáveis; mostrar a repercussão do ocorrido na vida social; atualizar a memória e resgatar a história com respeito a tragédias similares; acompanhar o desdobramento dos fatos por meio de suítes; acompanhar o estado de saúde dos sobreviventes e o velório e enterro dos mortos; retratar o luto dos familiares e amigos daqueles que se foram e contar a trajetória de vida daqueles que pereceram.

Palavras-chave: Telejornalismo. Critérios de noticiabilidade. Morte em massa.

74

1 Jornalista; mestre em Comunicação e Informação; doutora em Comunicação; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pelotas, onde desenvolve a pesquisa "A identidade cultural de pelotense no programa Jornal do Almoço" (2013-2015). Coordenadora do curso de Jornalismo da UFPEL e da Agência de Jornalismo da Instituição (AgPel). Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) com a temática sobre as coberturas de morte no telejornalismo.

2 Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade Casper Líbero.

Abstract

We studied the newsworthiness criteria of mass deaths in tele journalism, based on the TV coverage on Santa Maria's tragedy. We identify that in cases of mass deaths, the TV coverage elects what is newsworthy, and it also builds a way to approach the facts, using the given opportunities to create narratives that follow the following aspects: expose the conditions that lead to the death; blame the responsables; show the repercussion of what happened in the social life; refresh the living memory and bring back similar tragedies from the past; follow the deployment of the facts by updating the news; follow the health status of the survivors and the funeral of the death; present the affliction of the friends and family of those who are gone and also show the life path of those who died.

Keywords: Citizen: tele journalism; newsworthiness criteria; mass deaths.

Introdução

Na madrugada do domingo, 27 de janeiro de 2013, centenas de jovens participavam de uma festa na boate Kiss, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A festa acabou em um incêndio de grandes proporções, que levou à morte de 242 pessoas e deixou centenas de feridos. A tragédia ocorrida na boate Kiss mobilizou Santa Maria, tocou o país e repercutiu mundo afora. O caso ganhou atenção da mídia nacional e internacional. Pautou noticiários impressos, radiofônicos e televisivos. Reverberou em programas dos mais diversos gêneros e agendou a discussão pública nas redes sociais.

No decorrer do evento, com o lançamento de um sinalizador luminoso por parte de um integrante da banda Gurizada Fandangueira, que animava a festa, o teto da casa noturna foi atingido e começou um incêndio que, rapidamente, alcançou proporções drásticas. Como a boate Kiss tinha apenas uma porta de saída, o público que lá estava, formado essencialmente por jovens universitários, não conseguiu evacuar o local em segurança e em tempo de evitar-se a tragédia. Muitas pessoas morreram pisoteadas e a maior parte das mortes ocorreu por asfixia, por conta da fumaça tóxica que foi liberada quando a espuma de isolamento acústico prendeu fogo.

Os telejornais reconstruíram os acontecimentos daquela noite ao longo da cobertura e abordaram o caso, compartilhando com o público, diversos aspectos relativos à investigação sobre as condições que levaram à morte de todos esses jovens. O sinalizador era impróprio para locais fechados. O tamanho da casa noturna demandava que houvesse mais de uma porta de saída. A capacidade máxima de lotação da boate estava excedida. A espuma de isolamento acústico também era imprópria, pois era altamente inflamável. Os extintores de incêndio da boate não funcionavam. Faltavam luzes de emergência para indicar o caminho de saída – muitas pessoas dirigiram-se ao banheiro na tentativa de sair do local porque era o único lugar iluminado, entretanto, o lugar transformou-se em uma armadilha que levou a vida de muitos jovens.

Os telejornais também insistiram no viés da culpabilização dos responsáveis pelas mortes de tantos jovens, expondo os mais diversos envolvidos e questionando sua participação no ocorrido. Antes de entenderem que o local estava pegando fogo, os seguranças tentaram impedir a saída das pessoas para garantir o pagamento das comandas. Os alvarás e demais documentos que liberavam o funcionamento da boate foram questionados. As próprias normas de segurança vigentes no país, diretrizes que regem a liberação para o funcionamento de casas noturnas, foram questionadas. Proprietários da boate, integrantes da banda, autoridades competentes e demais envolvidos foram responsabilizados e, de alguma forma, estão respondendo à Justiça.

Os telejornais também nos mostraram a repercussão do ocorrido na vida social. Nos dias seguintes ao trágico acontecimento, lojas ficaram fechadas e as ruas da cidade ficaram vazias; eventos religiosos, como missas e cultos, reuniram centenas de pessoas; passeatas, com reivindicações de justiça, e homenagens tomaram as ruas da cidade. Os pais das vítimas organizaram uma associação que reivindica justiça em relação ao ocorrido. Por todo o país viu-se manifestações de solidariedade às vítimas e aos sobreviventes da tragédia, bem como, aos familiares dos mesmos. As imagens da tragédia também circularam mundo afora e isso gerou demonstrações de solidariedade por parte de povos estrangeiros.

A cobertura do caso de Santa Maria atualizou ainda a memória e resgatou a história. Retomando o que houve em outras tragédias semelhantes, envolvendo a morte em massa de jovens em casas noturnas, em diversos outros países – chegando inclusive a entrevistar sobreviventes e entes queridos dos mortos; mostrando também como as

peças dessas comunidades marcadas pelas tragédias se apropriaram dos locais onde as mortes ocorreram transformando-os em memoriais. E, retomando ainda, o histórico de grandes tragédias que ocorreram no Brasil por razões semelhantes às aquelas que levaram à morte de tantas pessoas em Santa Maria, ou seja, tragédias que se deram por causa da negligência e/ou por causa de uma sequência de erros dos responsáveis pelo evento – incluindo-se aí desde cidadãos comuns e pessoas jurídicas até autoridades competentes.

Mais de dois anos depois do incêndio da Kiss, o assunto ainda é fortemente presente em Santa Maria e é lembrado por todo o Brasil. Nesse contexto, os telejornais não deixaram de acompanhar o desdobramento dos fatos – realizando matérias do tipo suíte sobre o ocorrido. No final do mês de junho de 2013, quando manifestos por diversas causas tomaram o país inteiro, em Santa Maria a pauta motivadora foi o incêndio da Kiss. Nos protestos realizados na cidade gaúcha, manifestantes invadiram a Câmara de Vereadores e lá protestaram devido ao vazamento de conversa entre vereadores que integram a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Kiss, que diziam que as investigações não teriam resultados.

Todos esses aspectos que relatamos acerca da tragédia de Santa Maria foram ângulos abordados nos telejornais, transformaram-se em notícias que integraram a cobertura noticiosa sobre o ocorrido. Sobretudo, destacaram-se as narrativas que acompanhavam o estado de saúde dos sobreviventes e o velório e enterro dos mortos. Com respeito a isso, destacaram-se as narrativas que retratavam o luto dos familiares e amigos daqueles que se foram e aquelas que contavam a trajetória de vida daqueles que pereceram na tragédia da boate Kiss – mesmo em casos de morte em massa, o telejornalismo lança mão da técnica de personalização, ao elaborar narrativas acerca de indivíduos específicos que tiveram suas vidas dizimadas em tragédias como esta. Atentando para este viés de abordagem, que a cobertura explorou de forma extensa e intensa, cabe destacar ainda que a morte narrada no telejornal faz-se um bem simbólico. E este bem simbólico ocupa constantemente o espaço do jornalismo televisivo, sendo construído comumente a partir de um conjunto de elementos que envolvem a exploração das emoções e especulações sobre a vida particular das pessoas falecidas, tudo isso, misturado à exposição de detalhes do caso com encenações que reconstroem os acontecimentos.

Identificamos ainda outro aspecto expressivo no tocante a esta cobertura televisiva específica: o papel das redes sociais. É certo que os telejornais agendaram a pauta de discussões da sociedade ao cobrirem o caso de forma bastante presente. É evidente também que as mais diversas narrativas dos meios de comunicação de massa e em rede apresentaram alto grau de dialogismo com respeito ao tema da morte em massa em Santa Maria. Entretanto, foi a interatividade, a participação dos cidadãos por meio de redes sociais, o fenômeno midiático que ganhou maior destaque no caso da cobertura da tragédia de Santa Maria. O *Facebook*, por exemplo, foi importante para fomentar os telejornais e toda a mídia com informações sobre o caso e sobre as vítimas da tragédia, foi relevante também para mobilizar a sociedade e fez-se como mais um espaço para se viver o luto. Isso tudo, a interação entre o mundo da televisão e o universo *online*, a porosidade entre o que apareceu na televisão e o que se expôs nas redes sociais, gerou mais e mais notícias.

Atentando para todos esses aspectos que identificamos de forma preliminar – ao observarmos a seleção de notícias que compuseram a cobertura televisiva acerca da tragédia de Santa Maria, as abordagens que estas narrativas assumiram e a repercussão delas na vida social – fomos impelidos a aprofundarmo-nos no estudo acerca dos critérios de noticiabilidade em telejornalismo. Por isso, ao longo desse artigo resgatamos um repertório teórico que nos fornece pistas sobre o tema. Fazemos isto com vistas a iniciar um delineamento específico acerca dos critérios de noticiabilidade da morte em coberturas televisivas. Uma vez que, as teorias da comunicação e do jornalismo, assim como inúmeros trabalhos empíricos, evidenciam que a morte possui valor como notícia. Além de considerarmos este fato, debruçando-nos especificamente sobre o caso da morte em massa que ilustramos aqui, depreendemos a necessidade de perscrutar os critérios de noticiabilidade da morte no telejornalismo.

Coberturas Jornalísticas Em TV

O percurso teórico deste estudo começa resgatando perspectivas básicas sobre cobertura jornalística em televisão, o que vai dar sustentação ao olhar que lançamos sobre a cobertura telejornalística da tragédia de Santa Maria. Para tanto, partimos de algumas reflexões sobre a notícia na televisão.

Falar em notícia é referir-se a um tema amplo, que evoca diversas interpretações. Para Traquina (1993, p. 169): “As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. HALL et al. (1993) dão complexidade à discussão de Traquina. De acordo com os autores, as notícias são o produto final de um processo complexo, que inicia com a escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos, de acordo com categorias socialmente construídas.

Já Silva (1985, p. 35) reflete sobre as notícias levadas ao ar no telejornalismo: “[...] qual o conceito de notícia para o telejornalismo? Que ele difere, na prática, do conceito de notícia para o jornal impresso, não há dúvida”. Para o autor, entre os fatores importantes na determinação da noticiabilidade no jornalismo televisivo estão o interesse humano e a carga conflitual.

As notícias sobre morte têm muito apelo em relação ao interesse humano. Na concepção de Simmel (1998), a morte é uma temática estrutural para o homem. Rodrigues (1983) acrescenta que os seres humanos são a única espécie que tem a consciência de sua finitude e a certeza de que ela vai ocorrer. Assim, como a morte é uma temática considerada interdita nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade (ARIÈS, 2003), a sua apresentação na cena midiática oportuniza ao público um espaço de discussão de um tema que lhe é ao mesmo tempo caro e maldito, que lhe causa sensações boas e ruins, que é muito polêmico.

Ao falarem em cobertura jornalística em televisão, Emerim e Brasil (2011) a caracterizam como um trabalho de reportagem a ser realizado no local em que determinado fato ocorreu. Seguindo a classificação dos autores, as coberturas televisivas de um acontecimento, tanto as grandes coberturas como as cotidianas, podem ser retrospectivas ou prospectivas. As retrospectivas se dão a partir do próprio fato. Já as prospectivas se baseiam na provável ocorrência e permitem que as equipes se preparem para a sua realização.

No caso de coberturas retrospectivas, tipologia que pode ser utilizada para denominar a cobertura da tragédia de Santa Maria, Emerim e Brasil (2011) salientam que as equipes de jornalismo vão para o local do acontecimento em busca de determinadas informações, como as relações de causa, meio e fim que envolvem o fato ocorrido.

Em relação às coberturas televisivas da tragédia de Santa Maria, cabe destacar que os principais telejornais da Rede Globo apresentaram suas edições da segunda-feira,

28 de janeiro, diretamente da cidade gaúcha, em pontos estratégicos para cobrir o fato ocorrido. A apresentadora Sandra Annenberg, do Jornal Hoje, esteve ao vivo no Ginásio Municipal onde os corpos de muitas vítimas estavam sendo velados. Já William Bonner, âncora e editor-chefe do Jornal Nacional, apresentou o telejornal em frente aos destroços da boate Kiss. Cristiane Pelajo, apresentadora do Jornal da Globo, também esteve transmitindo o telejornal direto do local da tragédia. Tal movimentação dos âncoras dos telejornais da Rede Globo para o local da tragédia reiteram a tentativa de legitimar uma relação de proximidade do telejornal com o público e a legitimidade da cobertura. Coutinho (2012) salienta que, no caso dos telejornais, o vínculo entre o veículo e o público se dá por meio de uma relação de confiança. A autora acrescenta:

Para garantir essa relação de pertencimento mútuo o telejornal se apresentaria na atualidade em nível de igualdade com o público, por quem desejaria ser aceito. Essas estratégias de aproximação se evidenciam também nas dimensões técnicas ou estéticas dos telejornais, em seus cenários, por exemplo (COUTINHO, 2012, p.35).

80

Os autores Carlida Emerim e Antônio Brasil refletem sobre a diferença entre uma grande cobertura em televisão e uma simples cobertura:

Assim, **uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas** ou, pelo menos, **as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta.** Porém, pode-se ter, também, uma grande cobertura – cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande – com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo (EMERIM e BRASIL, 2011, p.4).

Em relação às dimensões da cobertura televisiva acerca do incêndio na boate Kiss e dos sepultamentos das 242 vítimas, é possível dizer que foi uma grande cobertura e, também, uma cobertura extensa e intensa. A cobertura da tragédia de Santa Maria suscitou amplas repercussões e foi muito além do espaço dos telejornais. Diferentes suportes atuaram como locais para a divulgação da tragédia. No espaço televisivo, a temática foi enfocada além do jornalismo – no caso da Rede Globo, alguns programas

como Encontro com Fátima Bernardes e Mais Você, que têm seu olhar mais voltado para variedades, deram amplo espaço para o assunto. O programa da Ana Maria Braga chegou a transmitir direto de Santa Maria e o programa de Fátima Bernardes abriu espaço para repórteres locais.

A tragédia ganhou dimensões amplas também nas emissoras de rádios, nos impressos e, principalmente, na internet – nas redes sociais, em webjornais e nas páginas na internet de jornais impressos, de rádios e de telejornais. As redes sociais se mostraram como um espaço público para o choro da morte e para demonstrações de indignação em relação aos motivos da ocorrência de uma tragédia que ceifou a vida de tantas vítimas, que resultou em morte em massa.

O uso de diferentes suportes para a divulgação de informações leva à discussão sobre a narrativa transmidiática e a convergência das mídias. Jenkins (2008), em sua obra *Cultura da Convergência*, realiza uma importante discussão para elucidar o processo de convergência midiática. O autor caracteriza a convergência como o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e [...] comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...]” (JENKINS, 2008, p.29).

Para Ana Silvia Médola (2009), em relação à convergência telejornalismo e Web, o formato mais recorrente é que o telespectador seja “convocado” para acessar o *site* das emissoras de TV a fim de obter mais conteúdos informativos.

As transformações no formato da narrativa jornalística se refletem na participação do receptor. Não se pode mais falar em unicidade de sentidos no fluxo da informação. No contexto da convergência entre as mídias, o receptor tem oportunidades de ser mais presente nas rotinas produtivas dos veículos de comunicação e de influenciar na agenda³

3 Quando falamos em agendamento, remetemos à perspectiva da mídia agendar a pauta social. Brum (2003) caracteriza o *agenda-setting* como um tipo de efeito social da mídia que inclui a seleção de notícias, sobre as quais o público vai falar e discutir. É a hipótese de que as pessoas pautam seus assuntos e conversas com as informações transmitidas pela mídia. Shaw (apud WOLF, 2003) explica que a hipótese do agendamento é consequência da ação dos meios de comunicação e sustenta que o público vai ter consciência ou ignorar, dar atenção ou descuidar, enfatizar ou negligenciar alguns elementos que são específicos da cena pública. As pessoas têm a tendência de incluir ou limar de seu repertório os temas que são incluídos ou excluídos da pauta da mídia. O agendamento, na concepção de Kunczik (2002), implica que os meios de comunicação de massa vão determinar os assuntos importantes em um dado momento. No contexto da teoria do agendamento, pode-se destacar a perspectiva do

mediática, através de comentários, acesso a hiperlinks sugeridos e por meio do compartilhamento de notícias em redes sociais.

A constante presença do telespectador proporcionou mudanças nas rotinas dos telejornais, que, na atualidade, solicitam cada vez mais a opinião do público, realizam enquetes e convidam o público a visitar as outras plataformas midiáticas da emissora. Nas páginas da Web, elas oferecem informações que vão além das transmitidas pelos telejornais. No caso da Kiss, foi através dos *sites* das emissoras que foram divulgados verdadeiros obituários de cada uma das vítimas – muitos deles tomando a página da própria vítima em redes sociais como fonte – e que foram ampliadas informações passadas pelos telejornais. Os *sites* proporcionaram um efeito de proximidade do espectador com a tragédia.

Telejornalismo e Critérios de Noticiabilidade

Diariamente, uma diversidade de fatos ocorre no mundo, mas o espaço midiático não é suficiente para divulgar todos eles. Portanto, é válido refletir sobre os fatores que levam um fato a ser noticiado: “O que um fato precisa ter para ser escolhido e ganhar as páginas da imprensa ou as telas da TV?” (MOTTA, 2002, p. 307).

A partir do questionamento de Motta (2002), temos espaço para discutir os critérios de noticiabilidade que norteiam o processo de produção de notícias e reportagens para o jornalismo televisivo. Os critérios de noticiabilidade, entre a comunidade jornalística, atuam como luminares que delineiam a seleção de notícias. Para Mauro Wolf (2003, p.196), a noticiabilidade é composta por requisitos que são exigidos dos acontecimentos para que estes sejam levados ao público:

[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de

público agendar a pauta midiática. A consolidação desta lógica tem mais bases para ocorrer através do jornalismo na Web. No caso de veículos, como a televisão e os impressos, os seus sites na rede mundial e computadores dinamizam a ocorrência da interação entre o público e o veículo.

acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.

Para poder adquirir o estatuto de notícia, o acontecimento⁴ precisa passar pelo “aval” dos valores-notícia⁵, que norteiam as práticas cotidianas do jornalismo e que permitem que os repórteres, nas redações, selecionem os fatos que vão ser levados ao público.

Traquina (2005) salienta que a previsibilidade do esquema geral das notícias ocorre devido à existência destes critérios de noticiabilidade, de critérios que são compartilhados pela comunidade jornalística. O autor cita a perspectiva de Mauro Wolf de que os valores-notícia podem ser caracterizados como valores-notícia de seleção e de construção; e os de seleção podem ser critérios substantivos e critérios contextuais. Entre os valores notícias de seleção – critérios substantivos, Traquina destaca a morte. “Onde há morte, há jornalista. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão” (TRAQUINA, 2005, p.79).

Também são selecionados por Traquina (2005) como critérios de noticiabilidade de seleção – critérios substantivos – a notoriedade do ator principal; a proximidade do fato ocorrido, tanto em termos geográficos como em culturais; a relevância de um fato para o

4 Adriano Duarte Rodrigues (1993) define acontecimento jornalístico como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p. 27). De acordo com o autor, o acontecimento é imprevisível e ocorre de forma acidental no decorrer do cotidiano.

5 Os valores-notícia são aspectos fundamentais da cultura profissional do jornalista. A previsibilidade do esquema geral das notícias ocorre devido à existência dos critérios de noticiabilidade, os quais são compartilhados pelos membros da tribo jornalística. Os critérios de noticiabilidade podem ser conceituados como o conjunto de valores-notícia que decidem se determinado fato pode se tornar notícia ou não, isto é, se pode ser uma matéria noticiável ao público (TRAQUINA, 2005). Motta (2002) situa que os valores-notícia operacionalizam as práticas dos jornalistas nas redações, sugerindo o que deve ser selecionado para ser noticiado e o que deve ser omitido. Estes valores funcionam como regras práticas, as quais guiam os procedimentos profissionais dentro das redações. Os critérios de noticiabilidade funcionam entre os jornalistas como regras, de forma mais ou menos objetiva, na hora de selecionar e apresentar os fatos.

contexto social de onde é divulgado; a novidade que um fato irá apresentar; o tempo, em relação à atualidade; a notabilidade de um assunto, “[...] isto é, a qualidade de ser visível, de ser tangível” (TRAQUINA, 2005, p.82); o inesperado também é um fator importante, é o que surpreende a comunidade jornalística; o conflito ou a controvérsia de um tema, “[...] isto é, a violência física ou simbólica, como uma disputa verbal entre líderes políticos” (TRAQUINA, 2005, p.84). A infração também é um valor-notícia presente no jornalismo, ela está ligada à violência. Traquina explica a infração:

Por infração refere-se sobretudo a violação, a transgressão das regras. Assim podemos compreender a importância do crime como notícia. Uma parte importante das notícias sobre o crime são rotineiras e breves, porque o grosso do crime é visto como uma rotina. O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é observado pelos media noticiosos de uma forma igualmente rotinizada (TRAQUINA, 2005, p.85).

Ainda entre os valores-notícia de seleção – critérios substantivos, Traquina (2005) aponta o escândalo, que exemplifica com o caso Watergate. O autor analisa também os valores-notícia de seleção – critérios contextuais. Neste caso, ele destaca a disponibilidade, que pode ser vista como a facilidade para se fazer uma cobertura jornalística; o equilíbrio, que é relacionado com a quantidade de notícias divulgadas sobre um assunto; a visualidade, relacionada à existência de eventos visuais, como fotografias e imagens – este critério é muito importante no jornalismo televisivo; a concorrência – as empresas procuram situações que a concorrência não tem; e o dia noticioso, que está relacionado ao cotidiano do jornalismo.

Como valores-notícia de construção, Traquina (2005) destaca a simplificação – se a notícia for simples, mais facilmente ela será compreendida; a amplificação – quanto mais amplificado é um acontecimento, mais facilmente a notícia será notada; a relevância – que pode ser relacionada ao sentido que a notícia dá a um acontecimento; a personalização – quanto mais o acontecimento for personalizado, mais facilmente a notícia será notada; a dramatização, que está relacionada ao destaque aos aspectos mais críticos e aos aspectos emocionais e conflituais; e a consonância, que é tratada como: “[...] quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2005, p.93).

Os critérios de noticiabilidade apontados por Nelson Traquina são relativos às práticas jornalísticas de modo geral. Mas, ao observarmos as características específicas de cada veículo de comunicação, podemos inferir que, para cada meio, os critérios de seleção de notícias são distintos, de acordo com aspectos pertinentes às características de cada veículo.

Ao falarmos especificamente da televisão e do telejornalismo, destacamos que é pertinente enquadrar os critérios elencados por Traquina (2005), mas que algumas características relativas à natureza visual do meio, na maioria das vezes, são levadas em consideração e observadas no momento de se fazer uma reportagem ou uma cobertura: como a presença de imagens; as possibilidades de desenvolvimento de uma narrativa televisual de forma espetacular e humanizada; a disponibilidade de fontes especializadas no assunto focado e sua disposição para falar na TV; o destaque do fato ocorrido no contexto de abrangência do telejornal e o potencial caráter melodramático relacionado ao fato. Atentando para esses aspectos, concordamos ainda com as reflexões de Sousa (2010, p.2) sobre os critérios de noticiabilidade para o jornalismo televisivo:

85

Para o caso de a notícia ser veiculada na televisão, o acontecimento precisa ainda ser capaz de gerar boas imagens, ter unicidade, ser parte de uma grande narrativa, causar impacto emocional e apresentar um potencial espetacular para fazer frente aos demais produtos televisivos.

Quando falamos de telejornalismo precisamos de imagens e a posse delas oportuniza a construção de uma narrativa noticiosa. Portanto, em geral, é possível afirmar que a própria existência de imagens faz-se um critério relevante para noticiar este ou aquele acontecimento.

A partir de reflexões sobre a cobertura televisiva acerca da tragédia de Santa Maria, em particular, podemos falar em critérios de noticiabilidade para a cobertura da morte no jornalismo televisivo. Sabemos que, no cotidiano das redações, diferentes mortes são visualizadas e que muitos morrem todos os dias, mas nem todos têm espaço para morrerem nos veículos de comunicação.

Ao falarmos especificamente em critérios de noticiabilidade para a cobertura de mortes no telejornal, podemos destacar como critérios de seleção: a posição social da personalidade que veio a óbito, as condições que levaram à ocorrência da morte e a

forma como a morte se deu (podendo-se falar, por exemplo, em morte em situação de heroísmo), as especificidades do caso e o caráter espetacular que envolve a morte. Estes quatro critérios principais abrangem várias discussões.

Em relação à posição no sistema social, compreendemos que para ser convidado para morrer no telejornalismo, cabe dizer que a personalidade precisa apresentar singularidades (em relação a sua trajetória pessoal e /ou em relação à situação de sua morte), ou seja, ela precisa ter destaque na vida social ou distinguir-se de alguma forma, pelo menos, no momento de sua morte.

Nesse sentido, é possível afirmar que não é qualquer morto que vai ser visível na TV. Portanto, concordamos com Fausto Neto (1991) quando diz que têm espaço no meio televisivo aqueles mortos que, ao longo de suas trajetórias de vida, tiveram destaque no sistema social. Lembramos também que para Barbosa (2004), na televisão, nas transmissões cotidianas, há duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A autora destaca que são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos dos cerimoniais que ocorrem na TV.

Neste caso, a trajetória do morto – ou seja, os feitos que concretizou ao longo de sua vida – ganha destaque público, e ele geralmente é mostrado como alguém exemplar, que merece ser lembrado. Mesmo no caso das mortes em massa, como nas grandes tragédias, os mortos notáveis acabam se sobressaindo sobre os demais. No caso de grandes desastres aéreos, as pessoas conhecidas são logo destacadas e lembradas.

Já no caso da morte de alguém que teve uma trajetória de vida comum, para ganhar espaço na cena televisiva, é preciso que a sua morte seja extraordinária ou significativa em determinado contexto. A morte do cidadão comum ganha espaço na mídia quando causa algum tipo de ruptura na ordem estabelecida ou quando o seu perecimento se dá de uma forma tocante.

Em relação à tragédia de Santa Maria, que está sendo tomada como foco de ilustração neste estudo, ganharam destaques os que tiveram seu fim em situação heroica, ajudando a salvar outras pessoas, em muitos casos retratados na televisão, vítimas que escaparam do incêndio com vida e retornaram ao local para salvar outras vidas. Os “heróis da Kiss” acabaram se sobressaindo entre os 242 que faleceram no local.

Na tragédia de Santa Maria, por mais que jornalistas diferentes tenham explorado diversas situações entorno do caso, houve a maximização de determinados

sentidos. Ficou evidente uma demarcação exagerada dos detalhes das “cenas que envolvem a morte”, levando ao apelo emocional do espectador. Ao tratar do enterro das vítimas, por exemplo, os telejornais reiteraram a dimensão de público nos velórios, deram destaque às evidentes expressões de sofrimento de familiares e de amigos. Os telejornais também trabalharam enfaticamente com a lógica do “sonho destruído”, construindo suas narrativas de forma a tornar hegemônico o sentido de que houve a interrupção das aspirações de jovens que foram mortos tão cedo e de forma tão trágica. Os sentimentos dos familiares e amigos das vítimas foram “traduzidos” com riqueza de detalhes. As cenas dos enterros foram descritas com minúcia – da mesma forma que as atitudes de muitos dos presentes nestes “eventos”.

Considerações Finais

Por mais que os locutores e que as situações narradas tenham se diversificado, ao longo da cobertura da tragédia de Santa Maria, alguns sentidos se fizeram hegemônicos. Ficou evidente, por exemplo, o recorrente caráter sensacional e espetacular que envolve a exposição da morte no telejornalismo. A maximização das singularidades e especificidades das mortes que se deram na tragédia foram noticiadas em matérias que reconstruíram a cadeia de eventos e a trama de personagens envolvidos nesta que foi uma situação de morte em massa. Com isso, a cobertura jornalística da televisão assumiu características que se assemelham às de uma novela, que pode ser contada em capítulos.

Entre todos os aspectos que sublinhamos ao longo de nossa reflexão – a partir da base teórica que expusemos ao longo desse artigo e da análise preliminar que realizamos sobre a cobertura da tragédia de Santa Maria –, consideramos que o telejornalismo serviu-se principalmente dos seguintes critérios de noticiabilidade para selecionar as matérias a serem elaboradas e as abordagens imprimidas a elas:

- 1) Expor as condições que levaram à morte;
- 2) Culpabilizar os responsáveis;
- 3) Mostrar a repercussão do ocorrido na vida social;
- 4) Atualizar a memória e resgatar a história de mortes que se deram em condições semelhantes;

- 5) Acompanhar o desdobramento dos fatos por meio de suítes;
- 6) Acompanhar o estado de saúde dos sobreviventes e o velório e enterro dos mortos;
- 7) Retratar o luto dos familiares e amigos daqueles que se foram;
- 8) Contar a trajetória de vida daqueles que pereceram.

Sem dúvida, a discussão em torno desses aspectos, entre outros que suscitamos ao longo desta discussão que propusemos acerca dos critérios de noticiabilidade da morte na televisão, não se esgota aqui e merece nossa atenção em futuras reflexões sobre o tema. De toda a forma, embora não seja o nosso propósito tipificar neste artigo as mortes que ganham espaço no telejornal, é importante delimitar que estes critérios de noticiabilidade foram identificados a partir de uma cobertura que envolveu a morte em massa.

É relevante ainda apontar que, ao longo deste estudo, percebemos que os critérios de noticiabilidade, em geral, estão ligados a um senso de oportunidade para elaborar narrativas. Portanto, ter imagens à disposição ou contar com a colaboração participativa das redes sociais – assim como outros elementos básicos para construção de narrativas noticiosas, tal como ter fontes dispostas a se expor – tornam-se critérios de noticiabilidade na medida em que determinam em alguma medida tanto formato quanto conteúdo das matérias do jornalismo televisivo.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.
- BRUM, Juliana. **A hipótese do agenda setting: estudos e perspectivas**. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n35/jbrum.html>. Acesso em: 25 de novembro de 2003.
- COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e público**. Sobre vínculos com o cidadão, convertido em audiência. In: PORCELLO, Flavio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (org). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.
- EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.
- HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **A produção social da notícia: O mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- MÉDOLA, Ana. *Televisão digital brasileira e os novos processos de produção de conteúdos- os desafios para o comunicador*. In: *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-Compós*, Brasília-DF, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2009.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico**. In:
- MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: Da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.
- SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.

SOUSA, L. S. C. S. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010. Disponível em: <http://sbpjr.kamotini.kinghost.net/sbpjr/resumod.php?id=356>

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.